

DISCURSO DE ENCERRAMENTO DE SUA
EXCELÊNCIA DRA. CAROLINA CERQUEIRA –
MINISTRA DE ESTADO PARA A ÁREA SOCIAL – 2ª
EDIÇÃO DA BIENAL DE LUANDA (30 de Novembro
de 2021)

Sua Excelência Presidente da Conferencia Geral
da UNESCO;

Distintos representantes das Organizações e
organismos internacionais e regionais;

Minhas senhoras e meus senhores;

Estimados jovens;

É com elevada honra que vos acolhemos durante 3
dias, pela segunda vez em Angola, para a Bienal de
Luanda- Fórum Pan-Africano para a Cultura da Paz
que reuniu este ano representantes de África e do
resto do mundo.

Foi de braços abertos que vos recebemos e partilhamos em franca amizade, fraternidade e alegria momentos que irão para a perenidade e vão marcar referências fortes na memória de cada um de nós.

A nossa honra é ainda maior pelo facto de termos acolhido Delegações de vários países que enviaram para a hospitaleira cidade de Luanda, mesmo em contexto de pandemia, os seus representantes para participar deste momento de reflexão, de debate e projecção da África que queremos.

Saudamos também quem esteve connosco virtualmente e que mesmo á distancia, esteve perto porque partilhou o mesmo interesse e o valor que damos à promoção e preservação da paz.

Quando nos propusemos em parceria com a União Africana e a UNESCO em organizar a Bienal de

Luanda, fizemo-lo porque Angola conhece muito bem as consequências dos conflitos.

Sabemos e estamos convictos que num clima de paz efectiva é mais fácil trabalhar para a recuperação económica, para o desenvolvimento e para o progresso e bem-estar das famílias, das empresas e da sociedade, em geral, num clima de harmonia, partilha de comunhão de ideias e de propósitos.

Os conflitos geram mortes em massa, retiram as pessoas das suas terras de origem, deslocando-as em condições desumanas, desestruturam famílias, arrasam as infra-estruturas e alimentam o ódio entre irmãos que simplesmente pensam diferente.

Para os fazedores desses conflitos, tudo isso não passa de danos colaterais, mas para as famílias, para a economia, para o desenvolvimento dos países afectados são uma autêntica tragédia, cuja

recuperação leva décadas e décadas.

De certeza que não é essa a África que queremos.

Na sua segunda edição, a Bienal de Luanda ficou mais consolidada, mais próxima de concretizar os seus objectivos que passam por se constituir numa sólida plataforma que junta governos, sociedade civil, comunidade artística e científica, o sector privado e as organizações internacionais no resgate da paz, na sua manutenção e prevenção de conflitos e de violência.

O evento, cuja inauguração contou com a presença de liderança africanas ao mais alto nível, apesar da crise pandémica que assola o mundo, está a ganhar cada vez mais vida e auguramos que se transforme num movimento permanente de prevenção de conflitos, a chamada aliança de parceiros que envolve Governos, as Agencias das Nações Unidas, a União Africana, a União Europeia, os Países membros do Grupo ACP – África,

Caraíbas e Pacífico, empresas dos diferentes dos diferentes sectores e dos serviços onde se incluem a das instituições financeiras, universidades, igreja, Organizações não-governamentais, embaixadores de boa-vontade, todos associados em esforços comuns na promoção da paz que deve ser um direito e um dever de todos, sem quaisquer barreiras ou preconceitos.

O objectivo é construir pontes para cimentar concórdia e a boa convivência entre os povos, independentemente das diferenças de cariz político, cultural, social ou económico.

Nas discussões mantidas, ficou patente que o principal instrumento que a Bienal tem para atingir os seus objectivos é a manifestação da idiossincrasia de cada povo que fica patente na sua forma de estar, de sentir e de viver de geração em geração.

É crucial que a paz faça parte dessa forma de estar,

de sentir e viver a vida em comunidade.

E a cultura da paz deve ser património de toda a Humanidade e um legado permanente e seguro para as jovens gerações.

O nosso continente é rico não apenas de recursos minerais, é também rico pela sua cultura e seu património imaterial, material, e cultural.

Como exemplo, basta olharmos para Menfins e as pirâmides do Egipto, para as colinas de Tsodilo, no Botswana, com mais quatro mil pinturas rupestres, chamado Louvre do Deserto, que mostram como era a vida daquela comunidade há mais de 100 mil anos, a reserva natural de Ngorongoro na Tanzania, considerada o berço da Humanidade, pois pensa-se que tenha começado lá há mais de 3,6 milhões de anos a vida.

A arte de contar histórias por via de desenhos, o Sona, uma outra forma de escrita para educar e

manter os bons costumes dos povos Cômbe que habitam o leste de Angola e sudeste do Congo Democrático.

A magia e a fisionomia ágil e singular das minorias Khosan que no sudeste de Angola reafirmam a rica cultura do nosso povo.

As nossas línguas, os nossos ritmos, as nossas tradições e nossas danças devem ser ferramentas de unidade na diversidade e interação entre povos.

Devem ser objecto de estudo e de ocupação dos tempos livres dos jovens para o seu desenvolvimento integral.

Quando falo das nossas línguas, não me refiro apenas às nacionais, estou a incluir as oficiais, pois fazem parte da nossa herança histórica.

Além de dinamizarmos o ensino das línguas nacionais devemos igualmente as línguas maternas de cada País.

Deste modo os africanos sem perder a sua identidade poderão usufruir de todas as vantagens que o mundo oferece a nível da ciência, da tecnologia e da inovação.

Estamos cientes do facto de África ainda ter inúmeros desafios básicos para ultrapassar.

São desafios que vão desde a fome e pobreza, á insuficiência ou inexistência de infra-estruturas económicas e equipamentos sociais capazes de garantir o bem estar das suas populações.

Entendemos que chegou a hora de assumirmos a responsabilidade sobre a nossa realidade enquanto africanos, e buscarmos as parcerias dentro e fora do nosso continente, para construir a África que queremos, contando com a vitalidade das diásporas africanas que engrandecem a nossa história e a cultura comum.

A nossa visão sobre a paz está voltada para a África que queremos, enriquecida pela sua diversidade cultural e cujos anseios e propósito devem ser objecto das nossas acções no dia a dia.

Almejo que cada um e todos, possam de qualquer recanto do nosso continente dar o seu contributo para reforçar este nosso amplo movimento a favor da paz, da fraternidade e da solidariedade entre os povos que ficou reforçado nessa II Edição da Bienal de Luanda.

Por uma África forte e cada vez mais unida consentimento da concórdia e do progresso.

Muito obrigado!